desleituras
Número 3
Mar./abr. 2022

TEOLOGIA DA ESTÉTICA

Flávio R. Kothe

A Estética deriva de uma crença que pode conter um erro grave, nos fundamentos, e toda sua edificação pode afundar. Oriunda da metafísica psicológica, ela pressupõe que o homem se divida em corpo e alma, como instâncias separáveis, tendo a alma prioridade por ser imutável, eterna e independente do corpo. Assim como a Lógica cuidaria das ilações da alma em termos analíticos, a Estética cuidaria das percepções corporais, das imagens corpóreas. Essa concepção cristã está presente em Descartes, Leibniz, Wolff, Baumgarten, Kant, Fichte, Solger, Hegel e vários outros.

Ela é anterior ao cristianismo: os romanos, por exemplo, acreditavam que "a sombra" iria para os Campos Elísios; os egípcios, que ela ia passando por reencarnações em diversos animais, conforme a vida que o homem tivera. Isso obrigava o sujeito a ser correto, para não reencarnar num bicho inferior. A lógica implícita na reencarnação é que o animal podia não ser idêntico a si mesmo, assim como cada homem teria em si vidas pas-

sadas. Ele poderia estar pagando culpas alheias e, portanto, não precisaria reconhecer os próprios erros. Um ponto de umbanda dizia: "Oxalá era mas não era// Ele era um pintassilva// Ele vivia nas pedra furada// Mas não era um pintassilva."

O pressuposto da escolástica é que Deus seria idêntico a si mesmo, A = A, e fundamento de todo o pensamento. Deus teria criado o ser das coisas como forma das coisas. Havendo apenas um Deus verdadeiro, origem de tudo, a crença seria absoluta. A única verdade aí é que ela tinha essa pretensão. Como esse deus seria puro espírito, também no homem, segundo Aquino, no Compêndio de teologia, seria absurdo pensar que o pensamento pudesse ser gerado por algum órgão do corpo.[1] Ele não tinha a menor noção do funcionamento do cérebro. Nem queria ter. Precisava ser coerente, fazendo do homem um microcosmo do todo.

O pressuposto de que o homem seria formado de corpo e alma, sendo que esta existiria independente do corpo, pois seria espiritual e eterna, conduz à definição da arte como formada por esses dois aspectos. Para Aquino, o belo seria a aparição sensível da verdade, sendo Cristo a verdade; para Hegel, seria a aparição da ideia, sendo ela sempre verdadeira (uma ideia errada seria um contrassenso); para Heidegger, a obra de arte é formada por uma coisa, que não é um utensílio (embora pareça), na qual se revela a "alétheia", o desencobrimento temporal do verdadeiro. A Filosofia da Arte não conseguiu ir

[1] Aquino, Tomás de. *Seleção de textos*, São Paulo, Coleção Os Pensadores, Abril Cultural, 2004, p. 195.

além da tradição metafísica, mas a arte sempre manifestou o valor do corpóreo.

Havia na escolástica uma "lógica superior", analítica, do A = A, voltada para o pensamento abstrato, que tratava de manter controle sobre como se deveria pensar. Era um meio de exorcizar a antítese, a contraposição, como se ela fosse o capeta. A identidade sem negação pretendia ser o "espírito divino", fonte de todo o conhecimento. Por isso, repensar a lógica era questionar a teologia e a doutrina da fé. Era a repressão sacralizada, autoritarismo dogmático.

No século XVIII, com Wolff e Baumgarten, foi proposta a contrapartida do estudo da "Lógica inferior", a "Estética" voltada para as regiões ínferas da mente, consideradas corpóreas, pois aí também ocorreriam processos de conhecimento, basicamente mediante imagens fugidias. A "Estética" de Baumgarten[2] (#1) juntava áreas diversas: gnoseologia inferior, teoria das artes liberais, a arte das cogitações belas, arte do análogo da razão: seria a ciência dos conhecimentos sensitivos. Não por acaso ele considerou que a "alma" (anima) seria "motus cerebri", movimento do cérebro, embora depois ele tenha colocado o remendo de que o cérebro ficaria mimetizando os movimentos da alma.

Às vezes ocorre a variante de que o homem não seria constituído por duas partes e sim por três: corpo, alma e espírito. No signo verbal, o corpo está para o sig-

[2] Baumgarten, Alexander G. Ästhetik, Hamburg, Felix Meiner Verlag, 2007, latim e alemão, 2 volumes.

nificante assim como o significado está para a alma, mas, quando se usa uma ironia, o sentido da palavra tende a ser o contrário do significado usual. Há, portanto, uma terceira instância, o espírito da obra. Na Crítica da razão pura, por exemplo, a dimensão corpórea está no que ela chamava de Estética – que não era uma Filosofia da Arte –, ou seja, a região das percepções dos sentido; a alma estaria no entendimento conceitual, uma espécie de Espírito Santo que há no homem, enquanto o espírito ficava no nível mais elevado da Razão, que tudo comanda com suas três ideias: Deus, imortalidade, liberdade: o tico, o teco e o toco.

O problema central é discernir o cerne teológico que habita a filosofia e a estética, fazendo dos pensadores antes teólogos disfarçados do que propriamente filósofos, caso se aceite a proposta de Heidegger – que ele próprio não cumpriu plenamente – de que a filosofia é ateia por natureza. Numa era de recrudescimento do fanatismo religioso, esse problema se torna mais premente. O monoteísmo tende a levar ao totalitarismo, pois quem só admite um único deus verdadeiro, o seu, não tem tolerância quanto à elevação de outras divindades. A saída não é a regressão ao politeísmo antigo, mas se desvencilhar das religiões: “sem deuses mais”.

Numa situação de guerra, sob canhoneio, um soldado se apavora, fica pálido e quer se esconder, enquanto outro fica furioso, vermelho de raiva e se dispõe a enfrentar o fogo inimigo de peito aberto. Para a mesma causa deveria haver as mesmas consequências, mas isso não ocorre. Se suas “almas” têm a mesma origem

divina, por que reagem de modo oposto? Cada "alma" capta os dados do real, discerne a situação, provoca uma reação somática e uma ação volitiva. Sofrer os dados equivale à figura de Cristo, que corporifica o sofrimento; a intelecção dos dados é feita pelo entendimento, que corresponde ao Espírito Santo, enquanto a expressão divina da vontade é Deus Pai, que decide fazer e desfazer as coisas. Há, porém, além dessa Santíssima Trindade, uma quarta figura, aquela que faz com que o espírito somatize reações corpóreas e que corresponde à figura da Virgem Maria, aquela que fez o espírito se tornar carne e habitar entre humanos.

A distinção entre corpo e alma parecia fácil: corpo seria uma coisa com extensão, sendo, portanto, divisível; em contrapartida, a alma seria o indivisível. A unidade mínima do espaço é o ponto, mas ele não é mais divisível: é um "pseudocorpo", algo que é o que é sem estar aí, pois enquanto for visível ele será divisível. Embora Descartes tenha adotado isso em suas obras principais, nas Paixões da alma[3] observou que a alma também se divide: tem uma parte em que ela sente as coisas (Cristo); outra que entende as coisas (Espírito Santo) e ainda uma que decide sobre as coisas (Deus Pai). A isso faltou acrescentar a somatização do psíquico (Virgem Maria). Assim se teria resolvido o mistério da Santíssima Trindade

No século XVII e XVIII não se tinha noção clara de que haveria o inconsciente, embora Shakespeare e Pascal já o tenham percebido. Para nós, desde a psicaná-

[3] Descartes, René. *Paixões da alma*. Coleção *Os pensadores*, São Paulo, Editora Abril, 1983, tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior, p. 218 ss.

lise é natural que "a alma" se divida em consciente, pré-consciente e inconsciente. Quando se dividem as coisas, deveria chegar um momento em que elas não se poderiam dividir mais: é o ponto matemático, cruzamento de duas linhas, algo que é sem estar aí, é um não-estar que é e que funda tudo (ou afunda tudo no nada). Tudo o que há se baseia num não estar que é.